

A epopeia de Camões: do cordel aos quadrinhos

Naelza Wanderley*

<https://orcid.org/0000-0002-3622-7317>

Resumo: O presente artigo discorre sobre a obra *Os Lusíadas*, observando alguns processos adaptativos sofridos por ela, visando evidenciar como essas adaptações podem ter contribuído para a permanência do poema camoniano entre diferentes leitores. A nossa discussão tem como ponto de partida a leitura de duas versões em cordel e duas versões quadrinizadas da epopeia de Camões, adaptada por poetas populares e por ilustradores e publicadas em diferentes suportes editoriais. Para tanto, utilizamos como aporte teórico Jorge de Sena (1970); Pontes (1973); Abreu (2004); Chinen, Vergueiro, Ramos (2014) e Ramos (2020).

Palavras-chave: *Os Lusíadas*. Cordel. Quadrinhos.

The Camões' epic: from cordel to comics books

Abstract: This article discusses the well known poem *Os Lusíadas* observing some adaptative processes carried out on it, (in order) to highlight how these adaptations may have contributed to keep the Camonian poem in the mind of different types of readers. Our discussion is based on (the reading of) two cordel and two comic book versions of this epic poem, adapted by popular poets and illustrators of comic books(and) published in different editorial formats. To achieve our objectives, we considered the theoretical support provided by Jorge de Sena (1970), Pontes (1973), Abreu (2004); Chinen, Vergueiro, Ramos (2014); Ramos (2020).

Keywords: *Os Lusíadas*. Cordel. Comics.

La epopeya de Camões: del cordel al cómic

Resumen: Este artículo analiza la obra *Os Lusíadas*, observando algunos procesos adaptativos que experimentó, con el objetivo de resaltar cómo estas adaptaciones pueden haber contribuido a la permanencia del poema camoniano entre diferentes lectores. Nuestra discusión tiene como punto de partida la lectura de dos versiones en cordel y dos versiones en cómic de la epopeya de Camões, adaptadas por poetas populares e ilustradores y publicadas en diferentes formatos editoriales. Para ello utilizamos como aporte teórico a Jorge de Sena (1970); Pontes (1973); Abreu (2004); Chinen, Vergueiro, Ramos (2014); Ramos (2020).

Palabras clave: *Os Lusíadas*. Cordel. Cómic.

* Universidade Federal de Campina Grande. Professora titular da Universidade Federal de Campina Grande, Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino. Graduação em Licenciatura plena em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos (1992), Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Fundação Francisco Mascarenhas / UFPB (1996), mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2001), doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2005) e Pós-doutorado na área de Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2007). E-mail: naelzanobrega@gmail.com.



Introdução

Já na primeira linha da nota introdutória de seu livro *Camões e outros contemporâneos*, o poeta, romancista e estudioso da literatura portuguesa Helder Macedo (2017, p. 11) afirma que “Contemporâneos são todos aqueles com quem vivemos”. Assim sendo, ratificamos aqui a ideia da contemporaneidade da obra camoniana, principalmente no que refere à epopeia *Os Lusíadas*, um texto que, ao mesmo tempo em que representa a tradição ocidental, também expõe aos olhos do leitor mais atento um poema multifacetado em temas e aspectos.

Sendo considerada pelo camonista Jorge de Sena (1970, p. 57) “não só um prodígio de arte narrativa, como um prodígio de arquitetura significativa”, a epopeia camoniana tem como pretexto aparente contar a viagem de Vasco da Gama às Índias. Uma homenagem ao povo português e um canto de nacionalidade, o poema tem como herói, ao mesmo tempo, não somente um homem, mas todo um povo, ou seja, um herói individual e um herói coletivo. Ainda sobre a epopeia camoniana, Jorge de Sena (1970, p. 71) afirma que “O fascínio de *Os Lusíadas* tem sido o do esplendor de certos passos, o do pasmo ante tanto engenho e sabença, o de ver-se nele a voz de um povo ou de uma época europeia”.

Ora tomando como referência as epopeias clássicas, ora contrariando esse modelo, o poema apresenta uma narrativa sobre as conquistas portuguesas, desenvolvendo uma ação dupla ao tratar do fato histórico (contar a viagem de Vasco da Gama às Índias e o seu regresso e exaltar a história de Portugal e de seu povo, desde as origens do condado) e uma ação mitológica, que conta sobre a rivalidade entre Baco, opositor, e Vênus, a grande protetora dos portugueses.

O poema é permeado de episódios que enunciam fatos históricos (história de Portugal e das conquistas de seu povo); mitologia greco-romana (o maravilhoso mundo da mitologia pagã); lirismo (enaltecimento da história de amor de Inês de Castro); alegorias (passagens que revelam um profundo significado simbólico, como o episódio do Velho do Restelo e do Gigante Adamastor), por exemplo. Assim, a epopeia camoniana

concilia em seus versos perspectivas aparentemente opostas. Em seu canto, o poeta articula, ao mesmo tempo, o tradicional e o progressista, o nacionalismo de exaltação, mas também de reflexão crítica, o paganismo e o cristianismo.

Publicado em 1572, o poema, no nível formal, é dividido em 10 cantos, 1102 estrofes e 8816 versos decassílabos, com estrofação em oitava rima. Estruturalmente, o poema está dividido em cinco partes: a Proposição (Canto I, estrofes de 1 a 3), em que ocorre a apresentação da matéria a ser cantada: os feitos dos navegadores portugueses, Vasco da Gama e sua esquadra, e a história do povo português; a Invocação (Canto I, estrofes 4 e 5), nas quais o poeta invoca o auxílio das musas do rio Tejo, as Tágides, para que o inspirem na composição de sua obra; a Dedicatória (Canto I, estrofes de 6 a 18), em que todo o poema é dedicado ao rei Dom Sebastião, esperança de propagação da fé católica e de continuidade das conquistas portuguesas; a Narração (Canto I, da estrofe 19 ao Canto X, estrofe 144), em que se dá o desenvolvimento da narrativa do poema em si, a viagem de Vasco da Gama e as glórias e conquistas históricas da “gente portuguesa”, e o Epílogo (Canto X, estrofes de 145 a 156), em que o poeta, com sua voz “enrouquecida”, fala de sua pátria de forma pessimista, sendo que, na penúltima estrofe, evidencia o desejo de que sua obra receba de seu destinatário, Dom Sebastião, um olhar de reconhecimento.

Quanto ao discurso, segundo Berardinelli (1973, p. 16), Camões, em *Os Lusíadas*, trouxe, como exemplo das epopeias antigas,

[...] a presença de um narrador principal que introduz um segundo narrador – o herói: [...] Vasco da Gama – e eventualmente outros, entre os quais distribui a narração: O Narrador 1 reserva-se o relato da viagem, partilhado pelo Narrador 2 (Vasco da Gama); este, além de completar a viagem, conta cronologicamente a história de Portugal, completada pelos outros narradores (Velloso, Paulo da Gama – o passado –, Júpiter, a Nífe e Tétis – o futuro); do poema quase contemporâneo, manteve Camões a participação do poeta. [...] A ele caber a iniciar e concluir o poema, fechar sete dos dez cantos, retornar quatro vezes à invocação da(s) Musa(s) e tecer comentários.

Dessa forma, encontraremos, já nas estrofes 1 e 2 do Canto I, a presença desse narrador em primeira pessoa que vai conduzir a narrativa e que, muitas vezes, é confundido com o próprio autor, anunciando a sua missão enquanto poeta/gênio que

transforma seu patriotismo em inspiração poética para cantar, em versos, os feitos da gente lusitana, de forma que sejam conhecidos em “toda parte” (CAMÕES, 2000, p.1):

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andavam devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
(Camões, 2000, p.1)

Dessarte, de forma bastante breve, essa é a apresentação da epopeia de Camões, uma obra gigantesca em todos os seus aspectos, na qual o poeta, trazendo da Antiguidade clássica as suas influências, a estrutura narrativa de Homero, assim como os versos de Virgílio, e também contrariando esses modelos, compõe o grande poema da língua portuguesa. E esse mesmo texto é tomado também por poetas populares e por ilustradores brasileiros para ser adaptado/recontado em versos de cordel e em quadrinhos, de forma que diferentes leitores possam não somente ter contato com o canto épico camoniano, mas também fazer permanecer na contemporaneidade esse canto secular, reapresentado ao leitor através de novos gêneros e também de novos suportes editoriais.

A literatura de cordel, Camões e sua epopeia

Não somente a grandiosidade do poema *Os Lusíadas* seduziu o público através dos anos, mas também a genialidade de seu autor. Camões, o homem e o poeta, mexe

há tempos com a imaginação popular, que o transformou em uma espécie de personagem gênio em vários folhetos da literatura de cordel. Ainda no início da década de 1970, Joel Pontes, em seu artigo “Camões de cordel”, já faz referência a dois cordéis que têm como temática de sua narrativa poética a figura do célebre poeta lusitano: *As perguntas do rei a Camões*, de Severino Gonçalves de Oliveira, e *O filho de Camões*, de José Soares – o poeta repórter.

Ao falar do Camões dos folhetos, Saraiva (1984) comenta que poucas homenagens ao poeta luso lhe parecem tão expressivas como essa dos poetas populares do Nordeste brasileiro. O autor afirma ainda que esse Camões não coincide com o Camões histórico, pois é apresentado ao leitor de cordéis como um decifrador de enigmas, um personagem muito esperto, cheio de ousadia e precocidade, uma espécie de pícaro. Também discorrendo sobre esse Camões da literatura popular, Luyten (1982, p. 8), retomando estudo realizado por Renato Carneiro Campos, vai caracterizá-lo como “um anti-herói típico, licencioso, embora muito sagaz”, que “está sempre em luta contra o poder constituído de seu tempo, o rei” e que “cobiça favores íntimos da rainha que, em alguns casos, ele obtém”.

Assim, em suas criações, o poeta popular conta até mesmo sobre a origem de Camões, nele enxergando uma espécie de personagem que “foi um enjeitado” e que “foi encontrado/na porta de um fariseu” (Oliveira, 1990, p. 3), no dia de São Bartolomeu, dia em que, segundo a crença popular, o diabo tem permissão para andar à solta. Observemos aqui o sugestivo contexto que envolve a figura desse gênio que, ainda menino, com seis anos de idade, além de ter aprendido a “Ler, escrever e contar”, aos sete, “Começou a viajar/Pelo mundo abertamente/Profetizando o futuro/Mais o passado e o presente” (Oliveira, 1990, p. 3). Logo, o Rei toma conhecimento “Desse afamado Camões” (Oliveira, 1990, p. 4) e o convoca para desafiá-lo a responder a 30 perguntas. É nesse contexto que o poeta assume ares de um “decifrador de enigmas” (Pontes, 1973, p. 104).

Sobre esse personagem, Pontes (1973, p. 105, grifos do autor) também menciona a apresentação deste feita pelo poeta popular aos leitores, destacando como ela é de tal forma elaborada, que é capaz de promover uma identificação entre o personagem/gênio

Camões e o mais simples leitor dos versos nordestinos, e como esse processo é construído a partir de diversos aspectos ao longo da narrativa poética:

O personagem é tocado de simpatia, a sofrer desmandos, a falar e comportar-se como os nordestinos. Em parte alguma se alude a sua nacionalidade portuguesa ou a sua condição de poeta. Nem mesmo se diz seja Luís o seu nome de pia. Até pelo contrário, em vez do "honesto estudo" apregoado pelo Épico, o Camões de cordel, em mais um dado de identificação com os leitores, refere, de passagem, "eu como não tenho estudo"...

Cabe observar que o Camões que é cantado pelo poeta popular não é uma figura mecanicamente transposta de uma das biografias do poeta luso. Esse personagem sofre um processo de nordestinização¹ no que se refere ao seu comportamento e à sua fala. Até mesmo a referência ao fato de não ter “estudo” aparece como parte desse processo, que tem como finalidade a identificação do leitor, uma vez que essa característica do “Camões de cordel” o aproxima tanto do poeta popular (na maioria das vezes, homem de “poucas letras”), quanto dos leitores de folhetos, homens e mulheres do Nordeste de pouco ou nenhum estudo, que traziam consigo apenas as suas experiências de vida.

Na sequência, ao derrotar o Rei com uma de suas artimanhas, Camões foge para escapar da morte. Esse ponto da narrativa evoca uma das temáticas comuns à literatura de cordel, a malandragem² e a esperteza dos menos afortunados como forma de enfrentamento à opressão, ao poder.

De acordo com Pontes (1973, p. 106, grifos do autor), essas características do personagem são também fatores que ratificam o abrasileiramento, a eternização e a modernização da figura de Camões entre os brasileiros/nordestinos, como “um mito popular”:

¹ Ver Ayala (1997, p. 162).

² A temática da malandragem como referência à figura de Camões vai ser abordada por Helder Macedo (2017, p. 95), em seu ensaio “Camões: o imaginário da malandragem”, quando, ao comentar as cartas do poeta luso, afirma falar de “um Camões bem brasileiro”, “um boémio da ‘malandragem’, mais Macunaíma do que herói épico com uma coroa de louros na cabeça. [...] Afinal, o picaresco é a outra face do épico.” Em face do exposto, acreditamos que as muitas narrativas que circulavam sobre a vida de aventuras de Camões podem ter contribuído significativamente para a transformação que a imaginação do povo imprimiu a essa figura, tornando-a uma espécie de anti-herói que será cantado também pela literatura de cordel nordestina.

Correr, assim, para o povo, é mais uma prova de inteligência e picardia. Coisa de covarde é que não.

Eis aí um Camões brasileiro, o também chamado Camonge pelos ignorantes, que se prolonga em personagem (inteligente) de anedotas de todos os tipos, inclusive fesceninas, nas quais contracenam Bocage, e poetas e políticos brasileiros, de todos os tempos. Um Camões eterno, ou que se vem eternizando porque se moderniza, sem qualquer vínculo com o "português da anedota", o típico, ou qualquer outro português.

A esse "Camões nordestino", o referido autor chega até mesmo a atribuir-lhe a origem a um poeta popular de Olinda a quem o bispo desta cidade, na época, apelidara de Camões, "daí o termo se teria folclorizado". Segundo Teles (1981, p. 65), "Não nos parece, entretanto, que esta seja a verdadeira origem do 'Camões' popular. O fato de um poeta ter sido apelidado Camões já demonstra, na época (em torno de 1800, diz Joel Pontes), o processo de mitificação do nome do Poeta português".

Dando prosseguimento à temática da genialidade do personagem Camões, ainda encontraremos folhetos como *Camões e o Rei mágico*, de José Cavalcante e Ferreira Dila; *A volta do Rei e as novas perguntas*, de Luís Alves da Silva; *O casamento de Camões com a filha do Rei*,³ de José da Costa Leite; *O grande encontro de Camões com Salomão*, de Rouxinol do Rinaré e Azul Sena; *As proezas de camões*, de Apolônio Alves dos Santos; *O grande debate de Camões com um sábio*, de Arlindo Pinto de Sousa. Sobre este último cordel, Teles (1980/1981, p. 68) afirma que ele "põe em cena um Camões reacionário defensor do sistema, a favor dos ricos, bem ao contrário do Camonge nordestino. Neste folheto, o sábio é que se põe a favor dos pobres".

Ao observarmos o folheto *O filho de Camões*, primeiro cabe destacar que, ao cantar sobre o filho de Camões, o poeta popular segue uma tradição da literatura de cordel que, além de trazer como temática de seus versos as façanhas de um herói, também dá sequência a elas cantando os feitos de descendentes deles, como filhos e netos. De acordo com Pontes (1973, p. 108), essa prática seria "um acréscimo à glória do tronco de onde provêm", mas, neste caso, o "filho difere do pai (que em tudo é um herói

³ De acordo com Luyten (1982, p. 9), o fato de o Camões dos cordéis "amar alguém de sangue real tem [...] menos a ver com o episódio do verdadeiro jovem Camões na corte de Lisboa do que com o natural desejo do vaqueiro, lavrador ou trabalhador de engenho de possuir a mulher ou filha do patrão", uma vez que, em nenhuma das histórias de cordel, "além, talvez, da apresentação do personagem, há qualquer alusão à vida real do poeta".

popular) no uso da inteligência. [...] é um anti-herói no inteiro decorrer do folheto, ‘quengo refinado’”, muito próximo de figuras como Pedro Malazartes, Cancão de Fogo, entre outros tantos anti-heróis da literatura de cordel. É com essas características que o “professor Camonzinho”, como é chamado na narrativa, ratifica “a simpatia dos brasileiros pelo não de todo desconhecido – pelos nossos poetas populares – poeta português”, fazendo, mais uma vez, prevalecer o nome célebre que o personagem carrega, o mito e “a mesma herança de agilidade mental”.

A ideia do anti-herói de quengo refinado também será recorrente em folhetos como *O gênio de Camões*, de Gonçalo Ferreira da Silva; *As palhaçadas de Camões botando chifre no Rei*, de José Costa Leite; *O encontro de Camões com Cancão de Fogo*, de José Soares, entre outros.

Se o poeta popular fez, em seus versos, de Camões um personagem, também o cantou em versos biográficos, como é o caso do folheto de Rodolfo Coelho Cavalcante: *Vida, sofrimento e morte do poeta Luís Vaz de Camões*. O folheto versa resumidamente, nas estrofes iniciais, sobre a formação da “Pátria lusa” e o surgimento da gente portuguesa. Recorre aos mais conhecidos episódios da vida do poeta português, exaltando-lhe a formação, as batalhas e os sofrimentos enfrentados, bem como a sua grande obra, *Os Lusíadas*, que “Pelo seu texto profundo/Documentou a história/De Portugal para o mundo” (Cavalcante, [19--], p. 12) e descreve o poeta afirmando que este “Gênio, Poeta/Da pátria – seu Escritor/Mesmo na forma de versos/Foi seu maior Trovador” (Cavalcante, [19--], p.15). Assim, segundo Teles (1981, p. 66, grifos do autor),

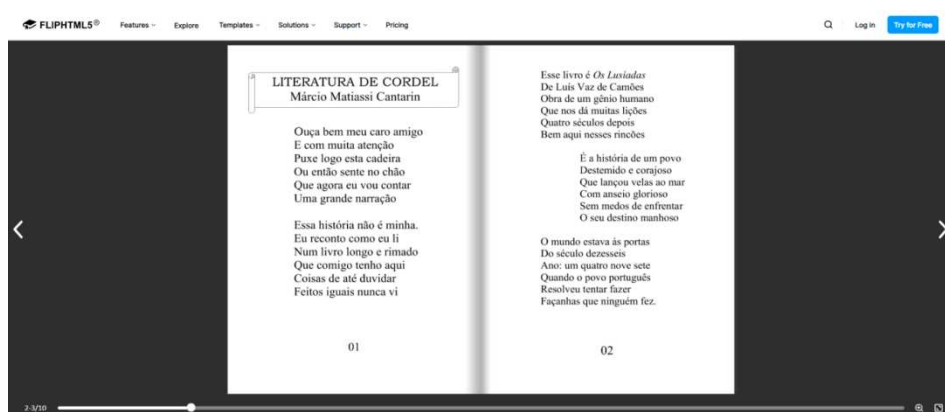
Na verdade, o nome de Camões possui no Brasil inteiro, não só no Nordeste, uma dimensão bem maior do que a que se vê na literatura. O termo Camões transcende os limites da pura erudição literária e universitária para repercutir na imaginação popular como algo mítico, como um dos tais arquétipos (um camonema) que sobrevive no “inconsciente coletivo”, dando ao povo a imagem de um ser ultra-inteligente, capaz de vencer os poderosos e beneficiar os pobres ou, apenas, capaz de satisfazê-los pelo simples fato de enganar os “reis”, de lesar o comerciante ou, como se diz, capaz de passar a perna em qualquer elemento detentor do poder real ou temporal.

Cabe-nos destacar ainda que essa produção da literatura de cordel, que se volta para cantar as aventuras e a genialidade ou a biografia do personagem/poeta português, apresenta aos leitores uma imagem deste que faz permanecer viva, na memória, a

genialidade de sua mente e de seus versos, mesmo que eles sejam, na maioria das vezes, desconhecidos pelos leitores pertencentes às classes menos favorecidas social e educacionalmente. É aí então que o poeta popular assume a missão de ser o mediador do clássico junto a esses leitores do povo através de processos como a adaptação/reescrita da epopeia camoniana em versos de cordel, numa espécie de tradução desta para a língua do povo, de forma que os leitores populares não somente tenham algum acesso à genialidade presente nos versos de Camões, mas que também possam ser incentivados a ler/conhecer a obra do grande poeta português que “viveu como gênio/e como gênio morreu” (Silva, 2006). E gênio permanece na contemporaneidade.

É então como parte da continuidade desse processo de mitificação do poeta português, enquanto personagem, e da aproximação do público leitor com o enredo da epopeia camoniana clássica, possibilitada através da “mediação” do poeta popular, que surgem as versões/adaptações da narrativa poética de *Os Lusíadas*, em versos de cordel, na contemporaneidade. Uma dessas versões tem como título *Os Lusíadas em cordel* e já afirma em sua capa que foi “Inspirado na obra de Luís de Camões”. Ela foi escrita pelo professor e poeta Márcio Matiassi Catarin e é apresentada ao público em um suporte marcado pelo aspecto da digitalidade, que corrobora junto ao público leitor a natureza computacional e multimodal de parte da literatura do século XXI, propiciada pelas exigências do contexto contemporâneo de uma produção que surge a partir das novas tecnologias, novas linguagens e de novos leitores.

À moda dos folhetos tradicionais impressos, o poema é publicado em uma espécie de folheto digital que se apresenta ao leitor ao longo de oito páginas e em uma encadernação em brochura, sugeridas graficamente através de imagens. Estruturalmente, o poema é composto de 23 sextilhas heptassílabas e esquema rímico xaxaxa e está disponível para *download* em ambiente digital, conforme figura a seguir:

Figura 1: *Os Lusíadas* literatura de cordel

Disponível em: https://fliphtml5.com/agaea/tepw/Os_Lus%C3%ADadas_em_Cordel/. Acesso em: 2 abr. 2024.

Antes de seguir com os comentários acerca do folheto de Cantarin, acreditamos serem necessários alguns esclarecimentos acerca de conceitos que definem a adaptação. Observemos, inicialmente, a designação de Vera Teixeira de Aguiar (2012, p. 48), quando esta afirma que: “[...] a adaptação mantém a história original, reescrita segundo as necessidades de leitores específicos”. E é considerando, principalmente, a figura desse leitor que o poeta popular seleciona, entre as obras produzidas no seio da chamada literatura erudita, o enredo a ser adaptado para a literatura de cordel. Cabe lembrar que, de acordo com Abreu (2004, p. 202), é necessário “desembaraçar” o enredo a ser recontado, pois “o interesse pelo tema, ou pelo enredo, não é suficiente para que o público habitual dos folhetos aprecie um texto de literatura erudita”. Assim, ainda segundo a autora (2004, p. 217),

Alguns poetas [...] leem obras eruditas nacionais e estrangeiras, percebem seu interesse, mas reconhecem as especificidades do texto que o afastariam de seus leitores habituais. Identificando os momentos em que a produção escrita entra em conflito com os anseios de uma comunidade próxima do universo oral, interferem nas narrativas aproximando-as dos padrões nordestinos de composição.

É seguindo esse caminho de desembaraçamento do texto clássico que o “folheto” de Cantarin seleciona algumas das principais passagens da epopeia camoniana para compor a sua breve narrativa poética. O texto sintetiza procedimentos poéticos comuns às narrativas da literatura de cordel, como o convite ao leitor já nas primeiras estrofes para ouvir o “contar” de “Uma grande narração”. Uma história que não é do poeta, mas

que ele assume o compromisso diante do seu leitor/ouvinte de recontá-la como leu, um pacto de fidelidade à história contada pelo “livro longo e rimado”: “*Os Lusíadas*/De Luís Vaz de Camões/obra de um gênio humano” (Cantarín, 2006, p. 1-2).

A seguir, o enredo é apresentado ao leitor com destaque para as façanhas do herói Vasco da Gama, para a disputa entre os personagens mitológicos Baco (que tramava contra os pobres mortais) e Vênus (que intercedia pelos lusitanos), para a divulgação da fé (sugestão do aspecto de religiosidade), para a trajetória da esquadra de Vasco da Gama e para a breve referência aos episódios de Inês de Castro, do Velho do Restelo, da Ilha dos Amores. Finalizando a sua narrativa, o poeta reafirma o seu papel quase didático junto ao leitor, de despertar-lhe a curiosidade para a leitura da grande obra de Camões, informando-lhe: “Vou ficando por aqui/Co’ esta história de rimar/Nunca tive a pretensão/de todos os causos contar/Era só pra do amigo/As vontades atizar [...] E o que houve de mais/Se quiser compreender/Faça um pequeno esforço/Pegue o livro para ler” (Cantarín, 2006, p. 8).

Uma outra versão cordelizada de *Os Lusíadas* foi escrita pelo também poeta e professor Stélio Torquato Lima. O folheto tem como título “*Os Lusíadas em cordel*: de Luiz de Camões adaptado por Stélio Torquato Lima”. O folheto impresso e publicado no formato brochura, próximo das publicações de baixo custo, tradicionais da literatura de cordel, apresenta 187 estrofes – setilhas heptassílabas, com esquema rímico abcbddb e trinta e duas páginas. Cabe lembrar que esse suporte editorial facilita o acesso à obra, se considerarmos os muitos leitores que pertencem a uma classe social menos favorecida economicamente e que, muitas vezes, não têm acesso a livros e nem aos meios digitais da modernidade.

Quanto ao processo de adaptação do texto da epopeia camonianiana, o poeta trilha também o caminho do desembaraçamento, escolhendo as passagens mais conhecidas para que fossem recontadas em seus versos, de forma que o enredo e a linguagem fossem compreendidos pelo leitor.

Nas primeiras estrofes, quando o poeta anuncia a seus leitores o assunto de seu canto, também informa ao leitor sobre a fonte da história que será recontada, sobre o seu “genial” autor e sobre o “grande Vasco da Gama”, que pôs o mundo “boquiaberto”, o

herói da epopeia camoniana,⁴ e sua façanha ao seguir “um rumo incerto” e chegar a um “porto indiano”, sendo “o primeiro europeu/Que veio a cruzar tais vias”. Estava apresentado ao leitor o motivo aparente do canto de *Os Lusíadas* e iniciada a narrativa em cordel desse “causo bonito”:

Neste cordel, cantarei
As armas e os barões
Que foram até a Índia
Em lusas embarcações.
Li esse causo bonito
N’Os Lusíadas, escrito
Pelo genial Camões.
(Lima, 2014, p. 3).

Ao traçar o enredo de sua história recontada em versos populares, Stélio Torquato também retoma os principais episódios da epopeia camoniana e, mesmo não adotando a sua sequência, apresentada ao longo de cada canto do poema de Camões, o poeta popular constrói uma linearidade própria dos fatos para a sua narrativa, de forma que seja possível ao seu leitor conhecer a história contada pelo poeta luso, a partir do seu canto em versos de cordel. Assim, destacaremos aqui, na sequência em que são recontados no folheto de Stélio Torquato, os seguintes episódios:

- o profético sonho de D. Manuel, que trata sobre a política de expansão portuguesa;
- o concílio dos deuses, introdução dos personagens mitológicos Baco e Vênus, enquanto opositor e protetora dos portugueses na grande aventura de Vasco da Gama e sua esquadra, assim como o contar sobre as armadilhas e astúcias de Baco e a proteção e intercessão de Vênus por essa “valorosa gente” (Lima, 2014, p. 5);

⁴ Cabe destacar aqui que o estatuto de herói, muitas vezes atribuído à figura de Vasco da Gama n’*Os Lusíadas*, é discutido por vários estudiosos do poema camoniano. Entre eles, podemos citar Helder Macedo (2010, p. 36), que, em seu texto *Luís de Camões então e agora*, afirma: “Vasco da Gama não é um herói fabuloso como os seus equivalentes das outras épicas: é o chefe, o capitão, o embaixador da cristandade, o principal dos novos argonautas, um suporte da História”. Também sobre a figura de Vasco da Gama, enquanto “figura central do poema” camoniano, Hernani Cidade (1953, p. 84, grifo do autor) vai defini-lo como “o *forte capitão* que comanda a frota e a defende de ciladas, e tem a seu cargo as funções diplomáticas perante o rei melindano e perante o samorim”. Ainda sobre a condição de herói atribuída a Vasco da Gama, Cunha e Piva (1980, p. 53-55, grifo dos autores) afirmam que “Jamais o épico luso viu em Gama um herói plasmado nos moldes da antiga poesia épica. [...] em Camões, o herói se converte no *Fidalgo perfeito*”.

- os episódios do Velho do Restelo (representando uma mentalidade de oposição às ideias expansionistas e o medo do futuro do povo português), do Gigante Adamastor (simbologia acerca dos perigos que podem representar para o homem a força da natureza), de Inês de Castro (passagem lírico-amorosa que conta sobre a força do amor), Os doze da Inglaterra, narrativa sobre a figura do bravo e honrado guerreiro, que não teme “morte e perigos” (Lima, 2014, p. 28) para alcançar a vitória, tão valorizada pelos leitores dos versos de cordel, e o episódio da ilha dos Amores (o grande prêmio a que os grandes heróis têm direito).

O poema conta ainda a chegada da “esquadra lusa” “a um porto indiano” (Lima, 2014, p. 29), fato que dava a Vasco da Gama “A justa glória e fama / No excelso panteão humano” (Lima, 2014, p. 29), e sobre o retorno dos portugueses “ao lar querido”, “Dois anos e vinte e um dias/ Depois de haver partido” (Lima, 2014, p. 32).

Permeando o canto dos muitos episódios retomados pelo poeta popular, ainda destacamos a presença de passagens que falam sobre a expansão do Cristianismo, que, além de retomar um dos temas da epopeia camoniana, também fortalecem o processo de identificação do leitor dos versos de cordel, uma vez que a religiosidade é um dos temas recorrentes nessa literatura. E, então, o poeta popular encerra a seu canto também convidando o seu leitor a conhecer o “causo bonito” (Lima, 2014, p. 32) através da leitura de *Os Lusíadas*, a epopeia escrita pelo “genial Camões” (Lima, 2014, p. 32):

Assim termina meu canto
Sobre as armas e os barões
Que foram até a Índia
Em lusas embarcações.
Leia esse causo bonito
N’Os Lusíadas, escrito
Pelo genial Camões.
(Lima, 2014, p. 32).

Dessa forma, acreditamos que é através de convites como esse, para uma visita ao grande texto do genial poeta luso, que se repetem implícita ou explicitamente nas incontáveis adaptações sofridas por essa obra ao longo dos séculos, que ela permanece e se renova constantemente aos olhos dos também incontáveis leitores. Como parte desse processo de permanência e renovação, surgem adaptações que transformam os

versos de Camões em imagens, dando origem a novas formas de recontar a história desse “causo bonito” (Lima, 2014, p. 32).

A epopeia camoniana em quadrinhos

Ao pensarmos o processo de adaptação que se desenvolve a partir da narrativa épica camoniana para os quadrinhos, cabe destacar aqui não somente a transição de uma linguagem para outra, mas também a mudança de suportes, a recriação da estrutura narrativa e o diálogo estabelecido entre passado e presente como resultado da reinterpretação/reconto desse clássico em diferentes contextos.

É como parte desse processo que tanto a matéria biográfica quanto a epopeia de Camões serão quadrinizadas em terras portuguesas ainda no século XIX, quando, em folha volante e de forma anônima, ocorre provavelmente aquela que seria a primeira publicação de uma versão em quadrinhos (banda desenhada) sobre a vida do poeta luso. Daí por diante, várias são as publicações portuguesas que, a partir desse gênero, recontam tanto a vida quanto o enredo épico de Camões. Como exemplo recente dessa produção, podemos apontar a adaptação da obra *Os Lusíadas*, em banda desenhada (BD), de José Ruy (ilustrador), dividida em três volumes.

No Brasil, em meados do século passado, a revista *Epopéia*, da Editora Brasil-América Limitada, “Especializada em publicações para Rapazes, Moças e Crianças”, em edição de maio de 1954, número 22, apresenta ao seu público leitor, com desenhos de Belavittes, uma quadrinização que retoma como tema a figura do herói camoniano Vasco da Gama e tem como título *O herói dos Lusíadas*. Nas páginas iniciais da seção *Conversa do Diretor* (*Epopéia*, 1954, p.2), o leitor é informado sobre o assunto da publicação: “um pedaço da vida de Vasco da Gama, o bravo navegador português”, e que, embora o seu “desenrolar” tivesse como base “fatos verídicos”, trazia “o *manto diáfano da fantasia* em todos os seus quadros” (grifos do autor).

Em 1977, com o desenho de Nico Rosso e quadrinização do texto por Pedro Anísio, a mesma editora publica uma edição de *Os Lusíadas* em quadrinhos. Enquanto quadrinização de um clássico, a obra dá sequência a uma tradição iniciada no Brasil ainda na década de 1930, com a publicação de *O Guarani*, de José de Alencar, em quadrinhos. Se no início desse processo de adaptação, que estabelece uma relação entre quadrinhos e literatura, a maior parte dos textos adaptados integrava o universo das narrativas em prosa, a adaptação de obras como *Os Lusíadas* se apresenta como texto híbrido que estabelece uma relação entre a poesia e a literatura em quadrinhos, a partir de possíveis aproximações tanto no que se refere ao aspecto temático quanto ao formal, uma vez que o quadrinho, mesmo sendo uma linguagem diferente da literatura (Ramos, 2020), estabelece um diálogo com outras linguagens.

Esse diálogo é perceptível já nos elementos paratextuais, quando observamos as capas do texto. Na primeira, além do título, está a informação de que a publicação trata da “Quadrinização do poema de Luís de Camões”. Também sobre a composição das capas, observemos os detalhes dos desenhos de Nico Rosso. Eles se apresentam ao leitor como um convite a adentrar as páginas desse texto pelo traço, pelo colorido e pelas cenas ricamente ilustradas na abertura e no fechamento dessa narrativa híbrida.

As capas traduzem em imagens o lirismo do biográfico refúgio camoniano, em uma gruta à beira-mar, na busca pela solidão necessária à escrita dos versos de *Os Lusíadas*, acompanhado somente de um escravo fiel e de sua Dinamene (1ª capa), e uma espécie de síntese das personagens/divindades, reforçando a moldura da imagem do herói Vasco da Gama, acompanhada de versos do canto camoniano, sugerindo que este, mais uma vez, será espalhado “por toda parte” (4ª capa) (Figura 2).

Figura 2: 1ª e 4ª capas da adaptação quadrinizada de *Os Lusíadas*

Fonte: Anísio; Rosso (1977).

Como item de abertura, o texto apresenta a imagem do *Fac-simile* da capa da 1ª edição de *Os Lusíadas* – 1572. A seguir, uma explicação sobre o “atrevimento” de “reduzir *Os Lusíadas* a uma história em quadrinhos”, uma epopeia “fascinante” e “de monumental construção”, escrita “há precisamente quatrocentos anos” (época da elaboração/publicação do texto da adaptação). O convite anunciado nas imagens das capas permanece nas palavras do texto que, em uma linguagem mais próxima do público, afirma ser a leitura do poema “Uma aventura a cada estrofe, cheia de perigos e maravilhas” e que, “para os jovens”, os deuses “podem ser vistos como super-heróis das histórias em quadrinhos”, afinal “Vênus é a bela defensora dos lusos”, e “Baco, o bandidão; cruel, intrigante, invejoso, traiçoeiro, [que] quer ver a destruição dos navegadores” (Anísio; Rosso, 1977, p. 4).

Ainda como parte dessa explicação, está a afirmativa de que a quadrinização da “famosa epopeia” era um “atrevimento necessário” porque, a partir da redução a “imagens simples” dos “principais episódios de *Os Lusíadas*”, estava a intenção de despertar o desejo de leitura do poema. No encerramento dessa parte do texto, está o anúncio de uma rápida biografia do poeta (em quadrinhos), que conta a história de Camões “até quando começou a escrever seu imortal poema” e, a partir de então, segue-

se, “com Vasco da Gama, uma aventura entre deuses e aqueles navegadores que eram os cosmonautas do seu tempo” (Anísio; Rosso, 1977, p. 4). Fechando o texto, fica o desejo de uma “Boa viagem”.

A breve biografia em quadrinhos do poeta está apresentada em quatro páginas e conta sobre nascimento, morte, formação do gênio, paixões, batalhas, desterro, naufrágio e sobre a escrita do poema em uma solitária gruta, perto de Macau.

Tem início então a apresentação da obra, descrita pelo quadrinizador do texto como sendo “o Poema da Raça Portuguesa”, “o Poema da Idade Moderna”, sequenciada pela síntese do enredo da história a ser recontada, tomando como ponto de partida as “estâncias do Primeiro Canto”, especificamente, as estrofes 19 e 20 do referido canto, que anuncia o início do Concílio dos deuses. Está delineado o caminho escolhido pelo quadrinizador para contar os episódios da epopeia camoniana que serão parte de sua narrativa gráfica; ou seja, ao adentrar o enredo clássico, este autor – artista dos quadrinhos/ilustrador – traça, em sua narrativa quadrinizada, uma síntese do enredo épico camoniano, permeada por versos/estrofes do poema, concretizando a dupla linguagem presente na obra: imagens e palavras, quadrinho e literatura.

Elaborado em preto e branco e também com linguagem e recursos narrativos próprios dos quadrinhos, o “novo” texto propõe, antes de tudo, uma nova forma de leitura para o clássico camoniano. O enredo traçado a partir da união imagem/palavra é enxuto e segue a sequência dos episódios narrados em cada canto de *Os Lusíadas*, mesmo que estes não apareçam explicitamente delimitados.

Além do episódio do Concílio dos deuses, os demais são narrados de forma sequenciada. A história retoma, inicialmente, a chegada da esquadra de Vasco da Gama à Ilha de Moçambique (trazendo para a história passagens que contam sobre a divulgação da fé cristã, as traições de Baco e a proteção de Vênus aos portugueses); a chegada a Mombaça e as súplicas de Vênus no Olimpo a favor do povo luso e a chegada a Melinde, onde Vasco da Gama e os companheiros são muito bem recebidos, graças à interferência divina.

Na sequência, a pedido do Rei de Melinde, Vasco da Gama inicia sua narrativa sobre a história do reino de Portugal, descrevendo a Europa e contando sobre as origens

da terra e do povo luso, seus reis e batalhas enfrentadas e vencidas por essa gente. Aqui também é narrada a história de amor de Inês de Castro, rainha depois de morta. Na sequência de sua narrativa, Vasco da Gama também conta as batalhas travadas contra os castelhanos, sobretudo a de Aljubarrota; o sonho profético de D. Manuel; as imprecações do Velho do Restelo “contra a aventura dos descobrimentos” (Anísio; Rosso, 1977, p. 37) e a viagem para o Oriente na qual a frota enfrenta perigos como a tormenta/tromba d’água e o Gigante Adamastor.

Encerrada a narrativa de Vasco da Gama ao Rei de Melinde, a frota lusa parte para Calecute, levando consigo um piloto designado pelo Rei de Melinde como guia no caminho para a Índia. Novas intrigas de Baco são narradas, desta vez, junto a Netuno. Também fazem parte desse momento da narrativa a história dos Doze da Inglaterra, contada por Fernão Veloso para quebrar a monotonia e encorajar a tripulação. Novamente, como obra do traíçoeiro Baco, a frota enfrenta uma grande tempestade, da qual é protegida por Vênus, que abranda a fúria dos ventos. Após a tempestade, a chegada a Calecute.

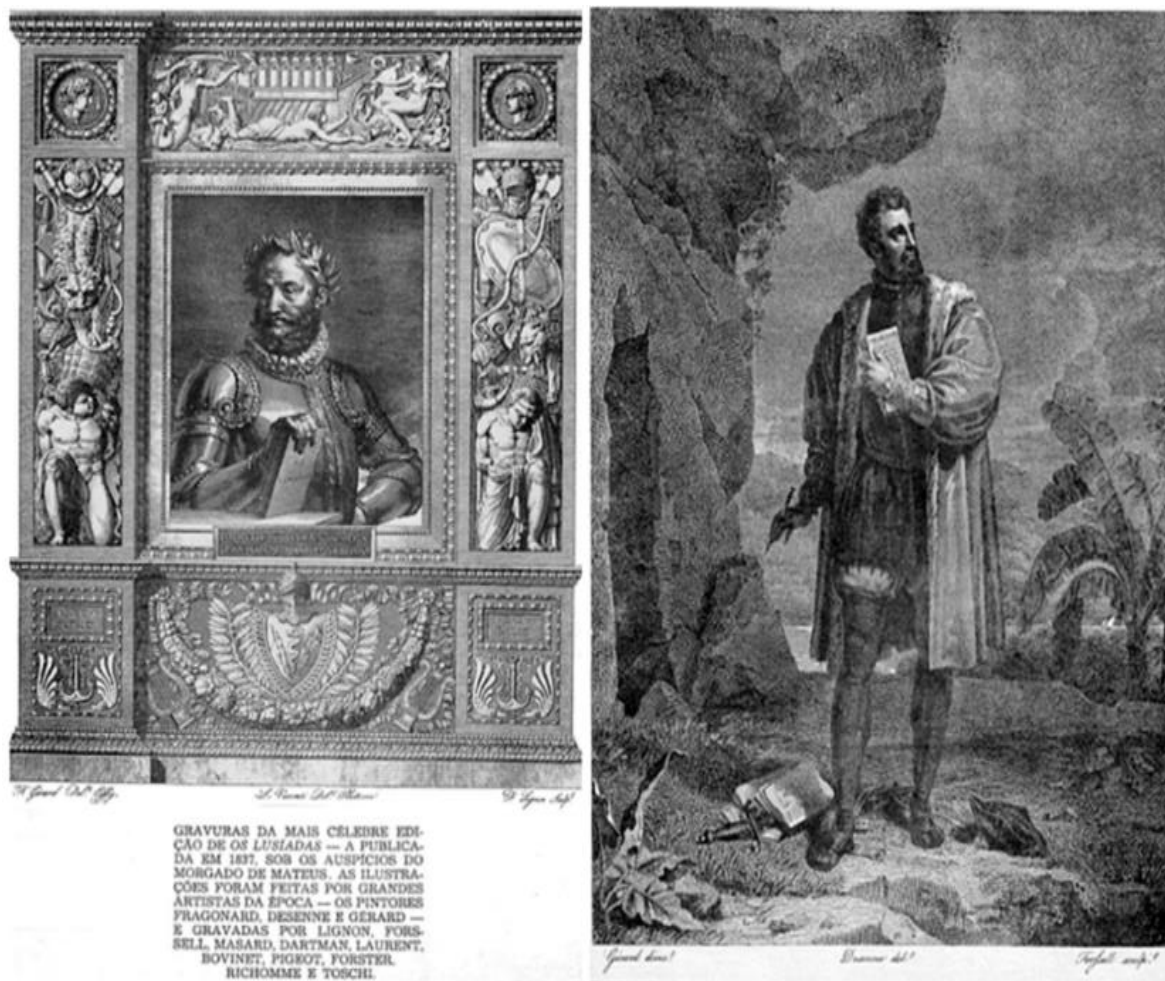
Segue-se com a descrição da Índia pelo Monçaide e recepção dos portugueses pelo regente – o Samorim. Adiante, observa-se nova ação de Baco contra os portugueses, a partir da qual Vasco da Gama é retido pelo Catual, sendo libertado somente por força de dinheiro/mercadorias. Ainda como parte desse conflito, há o aprisionamento de portugueses e de mercadores, que, mais tarde, são libertados. Finalmente, a frota de Vasco da Gama pode retornar a Lisboa trazendo a notícia de que “havam descoberto um novo caminho para o Oriente” (Anísio; Rosso, 1977, p. 45).

Finalmente, o prêmio aos heróis, o banquete de Tétis na Ilha dos Amores e a profecia da descoberta de uma colônia que seria “conhecida por sua madeira vermelha” e que seria chamada pelos portugueses de “Santa Cruz!” (Anísio; Rosso, 1977, p. 46). Dá-se o encerramento da narrativa exibindo uma imagem e as palavras/versos de Camões desalentado.

A adaptação apresenta ainda, em suas últimas páginas, “Gravuras da mais célebre edição de *Os Lusíadas* – publicada em 1837, sob os auspícios do Morgado de Mateus” (Anísio; Rosso, 1977, p. 47). Uma possível alusão à presença de gravuras / ilustrações

como forma de também narrar através de imagens, assim como os quadrinhos, os principais episódios de *Os Lusíadas*. Essas gravuras constam, inicialmente, de duas imagens de Camões (**1 Luís Vaz de Camões**. Desenho de F. Gérard e gravura de F. Lignon; **2 Gruta de Camões, em Macau**. Desenho de F. Gérard e gravura de Forsell.) (Figura 3), seguidas de dez ilustrações, uma para cada canto da epopeia (**1 Concílio dos Deuses**. canto I - Est. 33. Desenho de Desenne e gravura de R. U. Massard; **2 Visita do rei de Melinde a Vasco da Gama**. Canto II - Est. 10. Desenho de Fragonard e gravura de Oortman; **3 Assassínio de Inês de Castro**. Canto III - Est. 119. Desenho de Desenne e gravura de Henri Laurent, 1816; **4 Sonho de el-rei D. Manuel no qual lhe aparecem os rios Indo e Ganges**. Canto IV - Est. 73. Desenho de Fragonard e gravura de F. Lignon; **5 Aparição do gigante Adamastor na passagem do Cabo da Boa Esperança**. Canto V - Est. 49. Desenho de Fragonard e gravura de Bovinet; **6 Vénus aplaca os ventos e a tormenta**. Canto VI - Est. 87. Desenho de Fragonard e gravura de Pigeot; **7 Desembarque de Vasco da Gama em Calecut**. Canto VII - Est. 44. Desenho de Fragonard e gravura de Toschi; **8 Segunda visita do Samorim a Vasco da Gama**. Canto VIII - Est. 60. Desenho de Fragonard e gravura de Forster; **9 Ilha de Vénus**. Canto IX - Est. 84. Desenho de Desenne e gravura de Richomme, 1816; **10 Audiência de D. Manuel a Vasco da Gama**. Canto X - Est. 144. Desenho de Fragonard e gravura de Oortman) (Figura 4).:

Figura 3: Imagens de Camões



Fonte: Anísio e Rosso (1977, p. 47-48).

Figura 4: Ilustrações para os cantos de *Os Lusíadas*



Fonte: Anísio e Rosso (1977, p. 49-58).

Observemos aqui que o quadrinizador / adaptador da epopeia camoniana elabora duas sínteses em uma mesma adaptação/obra, uma que sintetiza o enredo da epopeia camoniana através da união da palavra com a imagem, linguagem verbal e não verbal, e uma outra pautada somente em imagens/ilustrações. Nesta, a primeira imagem do poeta, Figura 3, sugere uma possível evocação do conteúdo biográfico que inicia a obra; na segunda, que retrata Camões na gruta em Macau, uma possível referência à invocação – parte inicial da epopeia, na qual o poeta roga às Tágides por inspiração para escrever seu poema.

A seguir, para cada canto, há uma imagem que funciona como síntese dos principais episódios recontados: Concílio dos deuses; Visita do Rei de Melinde a Vasco da Gama; Assassínio de Inês de Castro; Sonho de El Rei D. Manuel, no qual lhe aparecem os Rios Indo e Ganges; Aparição do Gigante Adamastor na passagem do Cabo da Boa Esperança; Vênus aplaca os ventos e a tormenta; Desembarque de Vasco da Gama em Calecute; Segunda Audiência do Samorim a Vasco da Gama; Ilha de Vênus; Audiência de El Rei D. Manuel a Vasco da Gama. Ao final, é possível observar uma história contada/sintetizada apenas através das imagens que ilustram os principais episódios narrados em cada canto da epopeia de Camões.

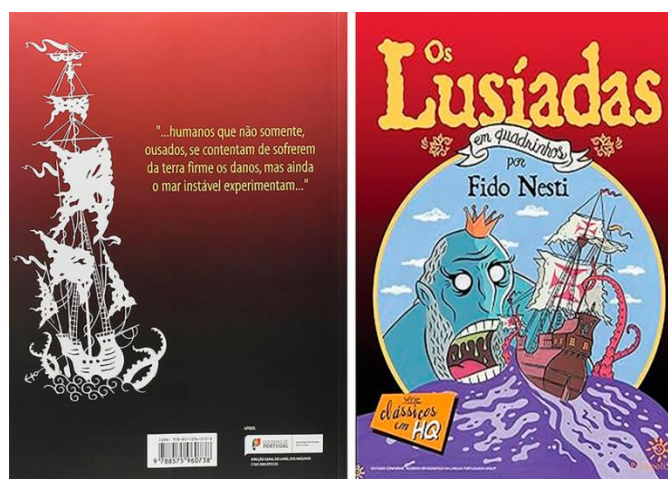
Essa versão brasileira de *Os Lusíadas* em quadrinhos tem sua publicação em um contexto, entre 1960 até 1990, em que a publicação de adaptações de obras literárias para o gênero quadrinhos sofria uma queda de popularidade, que praticamente esgotou esse “filão no país” (Chinen; Vergueiro; Ramos, 2014, p. 21), mesmo contando com insistência de editoras como a EBAL. Após esse período, a partir de meados da primeira década do ano 2000, ocorre a retomada das adaptações literárias em quadrinhos no Brasil, motivada também, entre outros fatores, pelo interesse do governo federal em títulos de obras em quadrinhos como textos a serem adquiridos para compor os acervos das bibliotecas escolares, conforme instituído pelo Programa Nacional Biblioteca nas Escolas, PNBE, em 2006. Este é o cenário em que foi publicada, por Fido Nesti, a segunda versão de *Os Lusíadas em quadrinhos*, como parte da série Clássicos em HQ, da Editora Peirópolis. Essa obra fez parte de PNBE 2008.

Essa adaptação tem sua primeira impressão apoiada pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas/Ministério da Cultura de Portugal. Ela mantém trechos da epopeia camoniana e também inicia a sua narrativa gráfica com dados da biografia do poeta luso. Acerca desse momento do texto, em entrevista, ao ser questionado sobre qual seria a sua contribuição pessoal para a obra de Camões, o autor cita a “ideia de transformar Luís de Camões em um personagem atuante”, quando imagina o poeta “introduzindo e concluindo o livro” (Nesti, 2013, p. 51).

A versão composta por Nesti mantém versos/estrofes de *Os Lusíadas* distribuídos ao longo de seis episódios: “Introdução”, “Inês de Castro”, “Velho do Restelo”, “Gigante Adamastor”, “Ilha dos Amores” e “Epílogo”. No posfácio da adaptação, ao falar sobre a composição de seu texto, Nesti (2006, p. 47) afirma:

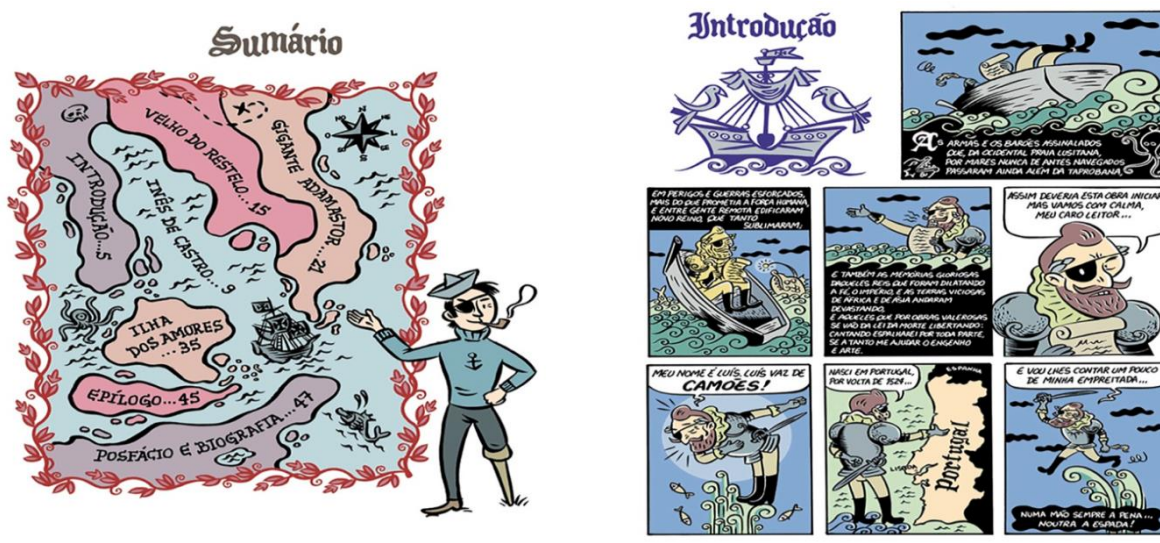
Extraí, dos dez cantos (8.816 versos), os trechos que julguei mais relevantes e populares: a trágica história de Inês de Castro, as experientes palavras do Velho do Restelo, o dramático encontro com o Gigante Adamastor e os suspiros lascivos da Ilha dos Amores. Um dos maiores desafios foi criar imagens respeitando a métrica rítmica de Camões, cuidando para que a narrativa visual fluisse naturalmente.

Antes de abrir o livro, o leitor já tem a sua curiosidade despertada pelas cores fortes e pelo traço marcante das imagens do ilustrador, estampadas na 1ª e 4ª capas (Figura 5). Outro aspecto a ser destacado é que, ao mesmo tempo em que a fonte tipográfica escolhida para título fortalece diálogo com o texto que antecede a adaptação, a fonte utilizada na indicação de que a obra está “em quadrinhos” sugere ao leitor, que sabe sobre a difícil tarefa que seria ler *Os Lusíadas*, uma possível leveza. Um reforço ao convite para abrir o livro na primeira capa, que também estampa a fantasia através da mitológica/assustadora figura de Netuno diante da nau portuguesa, e a promessa na 4ª capa de uma aventura que segue para aqueles “...humanos que não somente, ousados, se contentam de sofrerem da terra firme os danos, mas ainda o mar instável experimentam...”. Esses são os versos de Camões que, ao lado da sugestiva imagem de um navio singrando os mares, encerram a adaptação de Fido Nesti.

Figura 5: 1ª e 4ª capas adaptação de *Os Lusíadas* em quadrinhos

Fonte: Fido Nesti (2006).

Nas páginas iniciais da narrativa, Sumário e Introdução (Figura 6), o leitor é informado, em linguagem não verbal e verbal, sobre o roteiro da história que será contada. O sumário se apresenta através de uma imagem que sugere um mapa no qual as informações textuais indicam como porções de terra as partes e os episódios a serem “visitados” pelo leitor. Estas, quase todas, estão cercadas pelo mar, através do qual navegaram as caravelas da frota portuguesa cantadas na epopeia de Camões. Se na Proposição de *Os Lusíadas*, Camões invoca as Tágides para cantar a história de Portugal e glorificar seu povo, Nesti inicia seu texto com uma “Introdução” na qual, ao lado de versos camonianos, o poeta, enquanto personagem-narrador, fala sobre como deveria ser o início da narrativa que ora se apresenta, entretanto informa ao “caro leitor” sobre fatos conhecidos de sua biografia (nascimento, formação, paixões, batalhas, cargos ocupados, a escrita em uma gruta, o naufrágio em que salva parte de seu poema, a perda de Dinamene, prisão, regresso à pátria, publicação de *Os Lusíadas*, a pobreza dos últimos dias de vida e a morte, em 1580). Cabe lembrar que, com essa escolha, o ilustrador segue um caminho que se repete em muitos textos que adaptaram a epopeia de Camões, em diferentes gêneros.

Figura 6: Sumário e Introdução de *Os Lusíadas* em quadrinhos – Fido Nesti

Fonte: Nesti (2006, p. 4-5).

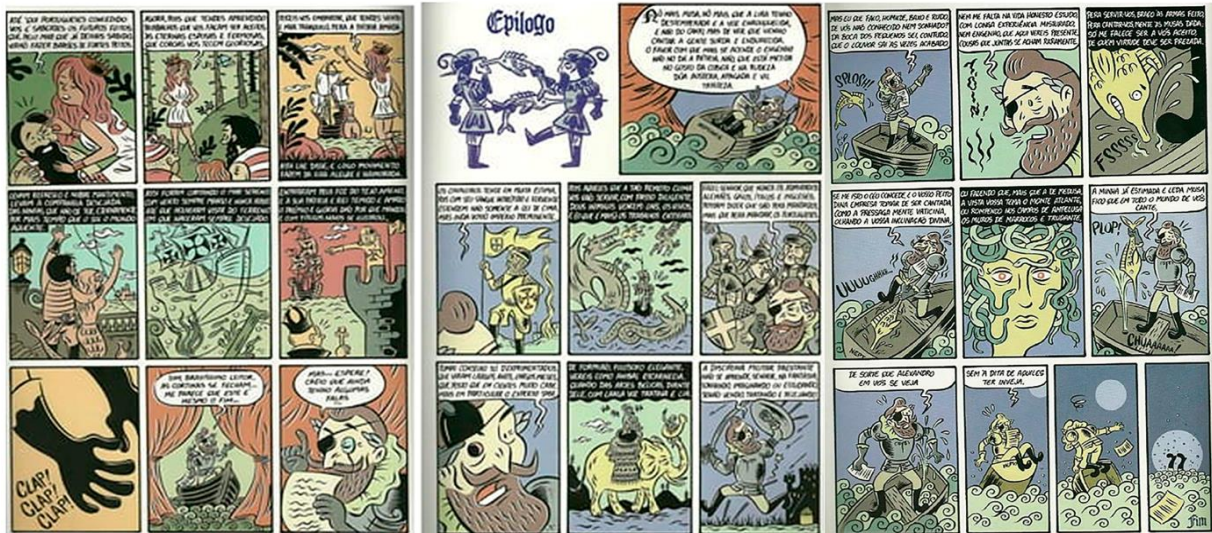
Ao final do relato biográfico, é ainda o poeta, enquanto personagem=narrador, que anuncia a contação de um caso mais triste que a narrativa sobre a sua vida, o caso de Inês de Castro, o primeiro episódio da epopeia de Camões a ser quadrinizado em sua adaptação. Este será seguido por outros três episódios selecionados por Fido Nesti, “Velho do Restelo”, “Gigante Adamastor”, “Ilha dos Amores”, conforme dito anteriormente. Observemos como, na adaptação de Fido Nesti, o plano histórico da epopeia camoniana é deixado de lado, prevalecendo os episódios que têm como tema o amor e o mitológico.

Ao final do episódio da “Ilha dos amores” (Figura 7), o poeta narrador-personagem estabelece novo diálogo com o seu “bravíssimo leitor” (Nesti, 2006, p. 44) para anunciar que, apesar de parecer que aquele era o fim da história, que esperasse, pois, ele, o poeta, ainda tinha “algumas falas...” (Nesti, 2006, p. 44). Tem início então o “Epílogo” (Figura 7), elaborado a partir das estrofes que também encerram o canto épico camoniano (145 e da 151 até a 156).

Sugestivamente, os quadros finais da adaptação de Fido Nesti traduzem em imagens o desalento cantado pelo poeta luso nos versos de sua epopeia quando ilustram o seu naufrágio, juntamente com as páginas em que estariam escritos os versos. O barco em que estava o poeta tem o nome de Netuno... Assim, Camões, juntamente com o seu

poema épico, mergulha mais uma vez nos mares da eternidade literária para ressurgir sempre que visitado por autores e leitores da prosa, da poesia, dos quadrinhos...

Figura 7: Páginas finais da adaptação de Fido Nesti



Fonte: Nesti (2006, p. 44-46)

Algumas considerações finais

Ítalo Calvino, em seu livro *Por que ler os clássicos*, define um clássico como um “livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (1993, p. 11). Assim sendo, acreditamos que a clássica epopeia de Camões ainda tenha muito a dizer através dos tempos a muitas gerações de leitores.

A permanência dessa obra, após quatro séculos e meio de sua publicação, não se dá por acaso. Em sua grandiosidade literária, entre os muitos aspectos que são parte da épica de Camões, destacamos aqui a riqueza temática de seu enredo, que une opostos como o real e o maravilhoso, a expansão da fé cristã e o paganismo mitológico; que insere em seu canto episódios dedicados ao lírico e ao trágico e que é, ao mesmo tempo, um canto de louvor às glórias passadas e à grandiosidade de seu povo, mas também uma crítica, um alerta sobre o futuro.

Isso posto, destacamos que, no desenvolvimento dessa narrativa poética, também harmonicamente distribuídos, estão os episódios que serviram, servem e servirão de inspiração a muitos outros autores/artistas que aceitaram, ao longo dos anos, o desafio de voltar à vida e aos versos de Camões para rerepresentá-los ao público leitor, utilizando-se de adaptações realizadas por poetas populares, em versos de cordel, ou em quadrinizações, por ilustradores que, unindo palavra e imagem, também contribuíram e contribuem para a permanência do poema camoniano na contemporaneidade, sendo este transposto para vários gêneros e apresentado em suportes que vão dos folhetos tradicionais do cordel ao cordel da literatura eletrônica; da simples revista em quadrinhos ao livro ricamente ilustrado.

Referências

ABREU, M. Então se forma a história bonita – relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 199-218, 2004.

AGUIAR, V. T. de. Do conto ao reconto: uma viagem ao presente. In: AGUIAR, V. T. de; MARTHA, A. A. P. (org.). **Conto e Reconto**: das fontes à invenção. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. pp. 48-56

ANÍSIO, P.; ROSSO, N. **Os Lusíadas**: quadrinização do poema de Camões. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América (Ebal), 1977. Disponível em: <https://archive.org/details/camoes-os-lusiadas-em-quadrinho-ebal-11.1977/page/2/mode/2up>. Acesso em: 10 dez. 2023.

AYALA, M. I. N. Riqueza de pobre. **Literatura e sociedade**: revista de teoria literária e literatura comparada USP, São Paulo, n. 2, pp. 160-169, 1997.

BERARDINELLI, C. Os excursos do poeta n'Os lusíadas. In: BERARDINELLI, C. **Estudos camonianos**. Rio de Janeiro: MEC - Departamento de Assuntos Culturais - Programa Especial - UFF-FCR B, 1973.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMÕES, L. V. **Os Lusíadas**. Prefácio de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Apresentação de Aníbal Pinto de Castro. 4. ed. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros; Instituto Camões, 2000.

CANTARIN, M. M. **Os Lusíadas em cordel**. 2006. Disponível em: https://fliphtml5.com/agaea/tepw/Os_Lus%C3%ADadas_em_Cordel/. Acesso em: 1 abr. 2024.

CAVALCANTE, R. C. **Vida sofrimento e morte do poeta Camões**. Edição do gabinete Português de leitura da Bahia. Salvador, [19--]. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/DocReader.aspx?bib=literatura%2ode%2ocordel%2o-%2ocoooo1%2oa%2oc7176&pagfis=21770>. Acesso em: 02 abr. 2024.

CHINEN, N.; VERGUEIRO W.; RAMOS, P. Literatura em quadrinhos no Brasil: uma área em expansão. In: RAMOS, P.; VERGUEIRO, W.; FIGUEIRA, D. (org.). **Quadrinhos e literatura**: diálogos possíveis. São Paulo: Criativo, 2014. p. 11- 36.

CIDADE, H. **Luís de Camões**: o épico. 2. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1953.

CUNHA, M. H. R.; PIVA, L. **Lirismo e epopéia em Luís de Camões**. São Paulo: Cultrix, 1980.

EPOPÉIA. O herói dos Lusíadas. Rio de Janeiro: EBAL, n. 22, maio de 1954. Disponível em: <http://guiaebal.com/epopeia1.html>. Acesso em: 03 abr. 2024.

LIMA, S. T. **Os Lusíadas em cordel**: de Luiz de Camões adaptado por Stélio Torquato Lima. Fortaleza: Editora Tupynanquim, 2014.

LUYTEN, J.M. Camões na literatura popular. In: LUYTEN, J.M. *et al.* **Leituras de Camões**. São Paulo: Instituto de Cultura e Ensino Padre Manuel da Nóbrega, 1982. p. 1-14.

MACEDO, H. **Camões e outros contemporâneos**. Lisboa: Editorial Presença, 2017.

MACEDO, H. Camões: o imaginário da malandragem. In: MACEDO, H. **Camões e outros contemporâneos**. Lisboa: Editorial Presença, 2017.

MACEDO, H. Luís de Camões então e agora. **Outra Travessia**: Revista de Pós-Graduação em Literatura, Ilha de Santa Catarina, n. 10, p. 15-54, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2010n1op15>. Acesso em: 31 jul. 2024.

NESTI, F. Entrevista. In: BORGES, R. F. **Clássicos em HQ**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

NESTI, F. **Os Lusíadas em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2006.

OLIVEIRA, S. G. **As perguntas do rei e as respostas de Camões**. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, 1990.

PONTES, J. Camões de cordel. **Phasis**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, pp.101-109, 1973.
Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/phasis/article/view/8116/5643>.
Acesso em: 29 abr. 2024.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SARAIVA, A. Camões e a poesia de cordel brasileira. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, n. 106, de 17 a 23 de julho de 1984.

SILVA, G. F. **O gênio de Camões**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Cordel, 2006.

TELES, G. M. O mito camoniano: influência de Camões na cultura brasileira. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 3/4, n. 2/1, p. 44-72, 1981. Disponível em:
https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3035/1/1980_Art_GMTeles.pdf. Acesso em: 2 maio 2024.

Recebido em 26/05/2024.

Aprovado em 12/09/2024.